

Efeitos do desejo na fabricação da pesquisa teórico-clínica

Márcia Cristina Maesso,

Trabalho completo

A proposta desse trabalho é abordar a incidência do desejo na pesquisa que acontece na Universidade e seus efeitos, recorrendo às formulações de Lacan sobre o sujeito e sobre os discursos, especialmente o discurso do psicanalista.

Lacan escreve sobre o sujeito que é concebido na psicanálise como correlato do desejo, usando a fórmula ($S1 \rightarrow S2$) para dizer que o sujeito é um significante que se representa para outro significante e constitui-se em articulação numa cadeia significante, substrato topológico, lugar cuja imagem Lacan (1957/1998, p.505) nos forneceu comparando a “anéis cujo colar se fecha no anel de outro colar feito de anéis” . É importante observar que foi por meio da re-formulação do signo linguístico de Saussure que Lacan pôde chegar a essa escrita feita com letras e não com palavras, reiterando que a letra não tem significado, mas serve para escrever, para fazer a borda do simbólico com o real. Essa re-formulação é uma criação lacaniana, na qual ele inverte a posição do signo saussuriano para enfatizar a primazia do significante sobre o significado e contemplar a “função de corte no discurso, sendo o mais forte (dos cortes) aquele que serve de barra entre o significante e o significado.” (Lacan, 1960/1998, p.815). A função do corte permitirá a Lacan sustentar que o lugar do sujeito está no intervalo entre significantes $S1 \rightarrow S2$ e “verificar sua estrutura como descontinuidade no real” (Idem, p. 815). A partir de Lacan o sujeito é considerado em sua literalidade, marcado pela linguagem que o desnatura e que o difere da concepção de existência individual.

Em vários momentos de seu ensino Lacan se dedicou à leitura da célebre frase que Freud (1933/1990) formulou nas chamadas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”: *Wo Es war, soll Ich werden*, que pode ser traduzida por *Onde está Isso Eu advirá*. Mais do que uma tradução, Lacan propôs uma interpretação para essa frase, para tratar da posição do sujeito no intervalo entre o que era e o que surge, como vestígio do ser, como falta-a-ser, fruto da perda de ser. A interpretação de Lacan indica que no lugar

onde isso era “entre a extinção que ainda brilha e a eclosão que tropeça” o sujeito (je) pode vir a sê-lo, na condição de desaparecer de seu dito (Lacan, 1960/1998, p. 816).

A subversão de Lacan do signo linguístico de Saussure deu origem ao algoritmo do sujeito com ênfase no corte que separa o significante do significado, mas ele também nos mostrou, transmitiu com esse ato subversivo a função do sujeito de inventar algo por meio da modelagem do significante, mantendo no centro do real, o vazio (1959-60/1997, p. 153-157), pois o que ele encontrou com sua invenção é uma formulação sobre a falta de referente, de significado para *Das Ding* (A Coisa) como fundamental para a constituição do sujeito e do desejo.

Aprendemos com Freud que as formações do inconsciente são expressões censuradas que retornam do conteúdo proibido recalçado e com Lacan que há um real que resta impossível de ser capturado pelo simbólico ou pelo imaginário, quando as formações do inconsciente são tomadas como letras em textura no discurso, considerando que há algo que está para se escrever, mas que no limite, não se escreve completamente (Lacan, 1957/1998).

Lacan coloca em relevo a característica fundamental do campo psicanalítico iniciado por Freud, de ser um campo delimitado por uma práxis de tratamento do real pelo simbólico (Lacan, 1964/1988, p. 14). A práxis não se reduz à técnica, à prática de uma atividade, mas se relaciona a uma ação transformadora pela qual transforma a si mesma. Demarcado por tal especificidade, o campo psicanalítico é aberto sobretudo porque conserva o real na escrita dos seus conceitos e pressupostos teóricos e também porque fundamenta sua experiência pela leitura, pelo trabalho simbólico sobre o que está escrito. O tratamento do real pelo simbólico produz deslocamentos e fabricação de outros significantes a partir da letra que irrompe e rompe como ato poético ao provocar o corte do sentido.

Segundo o mesmo princípio que define a práxis psicanalítica os conceitos da psicanálise, além de serem formulados, escritos por meio de letras, como propôs Lacan, também podem ser lidos como significantes, permitindo distintas interpretações. Os neologismos lacanianos mostram de modo exemplar o ganho conceitual que se obtém ao tratar noções e conceitos como significantes. Destaco a subversão teórica com fundamental consequência clínica que Lacan produz ao inventar o neologismo *troumatisme*. Lacan proferiu o neologismo “*troumatisme*” para abordar o traumatismo de

modo diferente do que Freud concebeu ao fazer referência ao sexual. Como a palavra *trou* é traduzida por furo, o termo que Lacan inventou permite considerar a incidência da falta no Outro e no sujeito, como fator traumático, diante do qual só é possível a cada um inventar.

Tomemos essa citação de Lacan (1974, p. 57): “Mas nós todos sabemos, porque todos nós inventamos uma coisa para preencher o furo do Real. Lá onde não há relação sexual, se faz “troumatisme”. Inventamos! Inventamos certamente o que podemos”. Lacan produziu com esse neologismo não apenas um desdobramento do que Freud propôs, ele revolucionou a noção de traumático. A não existência de algo real que corresponda à relação sexual, o furo do Real é o traumático para Lacan, enquanto o traumático foi concebido por Freud primeiramente como factual e depois como construção fantasmática acerca do sexual, as profantasias envolvem a cena primária, sedução e castração. A fantasia é, de acordo com Lacan (1967, p.259), o que é possível construir, inventar, é como uma “janela para o real”, um contorno feito por meio do simbólico e do imaginário. A fantasia não é o traumático, mas o que se faz a partir da perda de gozo absoluto de *Das Ding*, do furo (*trou*).

Freud provocou uma revolução científica (Kuhn, 1998) e cultural ao considerar a hipótese do inconsciente como um novo paradigma para fundamentar sobre as motivações humanas postas nas mais diversas formas de produção. Por meio da investigação clínica das formações do inconsciente nos sonhos, atos falhos, chistes, sintomas e também na cultura, Freud apontou para o que estava além do domínio do eu, desalojando-o do lugar de ser, de senhor em sua casa. Nessa direção, por não resistir ao inconsciente e mais ainda, por tomá-lo em sua literalidade, Lacan inventou um modo de tratar o real pelo simbólico colocando-o em evidência. Ele propôs a transliteração da palavra *Unbewusst* (Inconsciente em alemão) para *Une bévue* (um tropeço em francês), essa operação que é diferente da tradução, sendo que há na língua francesa a palavra *inconscient*. A tradução de uma a outra língua preza por manter o sentido original, mas ele partiu da homofonia para propor a passagem de um modo de escrever a outro, alterando o sentido para dizer que o inconsciente é tropeço, é o que se produz numa hiância como um achado (Lacan, 1964/1988). Um achado é *la trouvaille* palavra que comporta *trou* (furo) e pela aproximação sonora *la faille* (uma falha).

A concepção de Lacan acerca do inconsciente, conceito fundamental da psicanálise como conceito da falta (1964/1998, p.30), mostra que a persistência do real na escrita e na leitura dos conceitos, permite conservar as entrelinhas e manter o vigor teórico sem eliminar o rigor epistemológico das pesquisas em psicanálise.

Lacan fundamentou sua teoria dos discursos a partir de letras e lugares, cada discurso (mestre, histórica, psicanalista e universitário) ocupa uma posição e articula um modo distinto de laço social.

Discurso do Mestre

$$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\cancel{S} \quad a}$$

Discurso da Universidade

$$\frac{S_2 \rightarrow a}{S_1 \quad \cancel{S}}$$

Discurso da Histórica

$$\frac{\cancel{S} \rightarrow S_1}{a \quad S_2}$$

Discurso do Analista

$$\frac{a \rightarrow \cancel{S}}{S_2 \quad S_1}$$

Os lugares são:

$$\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}} \quad \frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$$

Os discursos sofrem modificações ao girar. Partindo do discurso do mestre e girando para a direita é possível chegar ao discurso do psicanalista, contudo é preciso passar antes pelo discurso da histórica que agencia, por meio da divisão do sujeito (\cancel{S}) a quem falta o objeto (a), o questionamento do mestre (S_1) produzindo um saber inconsciente (S_2). O discurso do psicanalista ($a \rightarrow \cancel{S}$) é agenciador do trabalho psíquico, trabalho do sujeito de investigar a causa inconsciente do seu sintoma. Por meio desse discurso é possível considerar a incidência sujeito, portanto do desejo na pesquisa na Universidade e os seus efeitos tanto para o pesquisador, quanto para a epistemologia.

O giro do discurso do mestre para a esquerda produz o discurso universitário que parte do saber (S_2) como o que principia o trabalho, mas o saber é sobre o objeto, o sujeito permanece interdito (sob a barra) e nesse trabalho o mestre comparece na posição da verdade.

A entrada do discurso psicanalítico na Universidade produz efeitos fecundos, mas não se trata de sobrepô-lo aos outros discursos, de atribuir valores ou estabelecer alguma

hierarquia entre eles. A fecundidade do discurso psicanalítico consiste na possibilidade de valer-se de cada discurso para questionar e colocar sob tensão o semblante que está articulando, tirá-lo de uma posição cristalizada e fazê-lo girar. Ao incluir o sujeito, situando a verdade como saber que surge por meio do semi-dizer do falante (*parlêtre*), o discurso psicanalítico revela que o saber (S2) está no lugar da verdade somente como fruto do trabalho psíquico do sujeito e não como o encontro do objeto em si, pois o objeto (a), caro nas formulações de Lacan, é o que causa o desejo mas não o obstrui e o achado é *la trouvaille* guarda o furo e a falha. Com a ocorrência dos giros nos discursos e com a entrada do discurso do psicanalista, o significante mestre (S1) que comparece no lugar da produção como traço do sujeito é apagado pelo saber (S2) situado na posição da verdade, a qual só pode ser alcançada pela metade, como enigma, através do semi-dizer. Isso porque, cito Lacan (1968-69, p.195): “Há um saber que é sobre a verdade da qual o saber é subtraído. É aí que temos de pegar a verdade, isto é, a fala que se afirma sobre a função do saber”.

O campo psicanalítico é aberto dada a constância do real na escrita dos seus fundamentos e na leitura pelo trabalho simbólico que trata os conceitos na ordem significante, propondo deslocamentos e fabricação de novos sentidos. Essa abertura tem consequências epistemológicas e cria um espaço profícuo para a pesquisa na Universidade, que concerne tanto aos diversos discursos que se articulam por meio da psicanálise em extensão, quanto à teoria e à clínica na psicanálise em intensão.

Essas considerações norteiam a pesquisa teórico-clínica que venho realizando no âmbito da universidade, acerca do corpo e da dor crônica no discurso psicanalítico, envolvendo estudo teórico, transmissão e supervisão clínica aos atendimentos feitos pelos estagiários na clínica escola do curso de psicologia da UnB. Não é meu objetivo detalhar a pesquisa nesse trabalho, isso já foi realizado em outros momentos¹, mas a evoco para situar a importância da articulação do discurso psicanalítico a outros discursos e da incidência do desejo do psicanalista de *trouvaille*, achado que remete ao furo, à falha, ao inconsciente e ao sujeito.

¹ Cf. Maesso, M. C. (2017). Outro lugar para o corpo e a dor. In: Besset, V. L. & Zanotti, S. V. (Orgs) *A face crônica da dor*. Alagoas: Edufal.

Há mudanças em relação ao corpo e à dor dependendo do discurso e da época. A dor no discurso religioso pode ser concebida como prova da fidelidade e do amor a Deus, devendo ser suportada. Por outro lado, deve ser extirpada, segundo o discurso médico atual, porque é tratada como doença. O que pretendo considerar, tomando o que propôs Lacan (1973/1985), é que assim como o discurso cria realidades, ele pode ser interveniente quanto ao limiar da suportabilidade da dor e determinante nos modos de lidar com ela, levando em conta a estrutura de cada sujeito.

A linguagem e igualmente a cultura incidem de forma cortante produzindo perda do gozo absoluto da Coisa, criando o corpo pulsional e a redistribuição do gozo na borda e fora do corpo, ou seja, do gozo parcial dos objetos pulsionais, olhar, voz, seio e cíbalo, que são destacáveis do corpo e incitam à repetição do circuito que apenas os contornam, dada a fugacidade desses objetos que impede a total captura e acessibilidade aos mesmos. A barreira ao gozo posta pelo muro da linguagem não é suficiente para aplacar o sofrimento decorrente da impossibilidade de completar-se junto ao objeto *a* causa-dor de desejo. Há um resto que permanece fora da linguagem. Com o avanço da Ciência e dos achados tecnológicos na forma de substâncias e procedimentos que buscam recusar os furos e as falhas (*trouville*), a demanda de restituição de gozo endereçada ao médico por meio dos fenômenos somáticos e da dor crônica, não é contemplada, porque há falha na concepção dos conceitos que concernem ao corpo, ao sujeito e ao gozo nesse campo, uma falha “epistemo-somática” como Lacan (1966/2001) nomeou. Tal falha resulta, na prática, no prolongamento do gozo pelo consumo dos medicamentos, recorrência de procedimentos estéticos e repetição da demanda. A falha recusada na pesquisa retorna como falha epistemológica.

A dor crônica sem referente orgânico é tratada como doença na medicina, tem lugar no organismo do indivíduo e deve ser eliminada para evitar prejuízos maiores. De acordo com os fundamentos psicanalíticos, a dor experimentada insistentemente, como presença petrificada, é correlata do gozo. Fazer rolar a pedra na cadeia dos significantes, no trabalho proposto pela fala na psicanálise, é fazer passar do crônico, do que para no tempo, à crônica, que como gênero literário remete à narrativa histórica ou ao conto, incluindo a ficção e a fantasia.

O campo clínico-conceitual da psicanálise pode oferecer recursos para sustentar o tratamento da dor crônica sem um referente, especialmente o orgânico. De acordo com a

direção de tratamento que a psicanálise permite sustentar é preciso partir da articulação entre dor, gozo, desejo e corpo. Essa articulação é necessária para considerar a possibilidade de deslocamento do crônico no corpo, sob a forma da dor, pela crônica como meio de decifração criativa a ser realizada pela fala e resguardando as devidas diferenças, pela escrita.

O livro de poesias de Luciana Martins mostra a possibilidade de deslocamento da dor no corpo pela escrita, a começar pelo título: *Lyrica 75 mg* que faz vacilar o sentido do nome do medicamento usado para o tratamento de dores neuropáticas e ansiedade, para transpô-lo ao lírico do sujeito que escreve num ato poético por meio do qual inventa algo novo.

A direção da cura na psicanálise difere do ideal de cura no sentido médico do termo, que visa ao retorno a um estado de saúde previamente definido e a eliminação da dor concebida como doença. A direção da cura na psicanálise, pela passagem do crônico à crônica propõe um saber fazer com a dor, que seja inclusive fazer corpo com a dor, fazer letra com a dor, fazer corpo com a letra para fazer significantes se articularem a outros significantes.

Referências:

- Freud, S. (1933/1990). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kuhn, T. S. (1998). *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Lacan, J. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1959-60/1997). *O seminário: livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. Em J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964/1988). *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/2001). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, (32), 8-14.
- Lacan, J. (1968-69). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 195.

Lacan, J. (1973/1985). *O seminário livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1974). *Le non-dupes errent*. (aula de 19/02/1974).
<http://staferla.free.fr/S21/S21%20NON-DUPES....pdf>.